

# SONHO DE UMA TARDE DE INVERNO: A UTOPIA DE UMA ANTROPOLOGIA COSMOPOLITA

ALCIDA RITA RAMOS

## RESUMO

Por meio de um exercício de imaginação, de inspiração indígena, propõe-se uma utopia antropológica em que distintas tradições dessa profissão não sofram com limitações linguísticas e desigualdade de produção e consumo, gozem de uma intercunicabilidade verdadeiramente horizontal e se dedicuem ao compromisso de transformar os antropólogos em atores políticos. Essa utopia contrasta com a situação corrente, em que as antropologias metropolitanas alcançaram um tal grau de hegemonia que têm dado ensejo a que se divida a disciplina em dois blocos claramente opostos: Centro e Periferia. Mas eis que surge no horizonte um vulto ainda nebuloso, porém com a remota possibilidade de fazer o virtualmente impossível, ou seja, dar vida material àquela utopia que tem sido até agora estritamente imaginada. É a Rede de Antropologias Mundiais (World Anthropologies Network – WAN), em si um produto de quem sonha com uma antropologia cidadã e democrática.

## PALAVRAS - CHAVE

Antropologias mundiais, utopia, antropologias metropolitanas, centro e periferia.

## PRELÚDIO

O tema do universo antropológico dividido em zonas diferenciadas de poder parece se agigantar quando visto do centro desse poder. A dicotomia Centro *versus* Periferia assume berrantes cores primárias quando observada contra o pano de fundo da paisagem branca de neve e, ao que parece, inalável da Metrópole. O que se segue é um breve exercício de fantasiar o que seria dessa paisagem se o jogo de poder fosse outro.<sup>1</sup> Criar uma ficção de democracia acadêmica como recurso retórico, a exemplo da caricatura, ajuda a ressaltar os traços mais salientes da problemática em questão.

Utopias são boas para sonhar. Seu horizonte, ainda que inalcançável – e talvez por isso mesmo – traz dinamismo e principalmente dúvidas sobre os *topoi* e cânones acadêmicos que nos são impostos mais pela inércia política do que pelo convencimento intelectual. É desnecessário dizer que a hegemonia antropológica que nos perturba, pelo menos a nós que estamos fora da Metrópole, não é um produto autônomo, mas sim reflexo de um estado de coisas muito mais abrangente, ou seja, a divisão mundial de trabalho e as decorrentes trocas desiguais entre povos e nações. Por que então não sonhar com o que poderia ser em outra dimensão histórico-política? Por que não emular o que nos ensina a sabedoria etnográfica sobre diversidade e como conviver com ela? Por que, por uma vez, não nos deixamos guiar pela experiência indígena, já que os nossos próprios recursos explanatórios se mostram insuficientes na conjuntura atual, em que sentimentos agonísticos impregnam nossos discursos profissionais e parecem nos conduzir a um beco sem saída?

## UTOPIA

Era uma vez uma utopia chamada *Cosmantrópolis*<sup>2</sup>, alcunha talvez tão inusitada quanto o seu conteúdo, o que não é de surpreender. Para fundar a utopia os pais fundadores da Cosmantrópolis inspiraram-se nos sábios políglotas do rio Uaupés, no

1 O formato deste pequeno ensaio, como se fosse uma fábula, uma narrativa mítica ou, mais sobriamente falando, uma utopia, veio-me de assalto num dia azul e gélido de fevereiro no Meio-Oeste dos Estados Unidos durante minha estada na Universidade de Wisconsin, Madison, no primeiro semestre de 2005. Talvez por isso ele pareça um tanto etéreo, irreal, ou mesmo fantasmagórico sem, no entanto, trair seu compromisso com o empenho analítico e a seriedade intelectual.

2 Inspiro-me no importante trabalho em que Gustavo Lins Ribeiro (2005), em seu louvável esforço de renovação, advoga a necessidade de se criar um espaço cosmopolítico, que contemple uma antropologia verdadeiramente mundial, em que antropologias nacionais tenham oportunidades iguais de expressão e influência.

nordeste amazônico, onde a regra de exogamia linguística pode reunir sob o mesmo teto falantes de muitas línguas, mesmo que uma delas, a do líder da casa comunal, seja predominante. Construíram então uma comunidade de múltiplas vozes, numa espécie de Babel organizada e solidária no sentido durkheimiano de solidariedade, neste caso, orgânica. Todos partilhavam idiomas, ideias, soluções e propostas, sem que cada um dos parceiros perdesse sua identidade e cor local, preservadas como capital simbólico a serviço da coletividade. Cosmantrópolis prosperou e tornou-se a comunidade pensante mais criativa e vivaz na paisagem das ciências sociais. Publicações proliferavam com um público escritor e leitor sem fronteiras. Seminários, longe de imitar a alienante linha de montagem industrial, duravam o tempo necessário para que todos os participantes, guardando respeito pela vez do próximo, pudessem expressar por extenso suas ideias e as ter plenamente discutidas. Assim corria o fluxo de conceitos, juízos e opiniões sem as conhecidas travas de tempo e de espaço. Recursos para pesquisa não se limitavam a reforçar ideias dominantes e agraciavam em especial a ousadia da experimentação intelectual de onde quer que ela viesse, principalmente se fosse capaz de derrubar pseudo-verdades teóricas e receitas metodológicas cristalizadas, muitas vezes, por modismos passageiros. Os editores de textos tinham como norma multar quem fizesse de conta que suas ideias eram originais e quem omitisse dar o devido e justo crédito a colegas dos países onde desenvolveram suas pesquisas de campo.

A exemplo dos sábios nativos do Uaupés e alhures, os fundadores de Cosmantrópolis viam com maus olhos o culto à personalidade, pois desconfiavam que, por trás do hiperbólico e súbito sucesso individual, haveria sempre algo cheirando a ocultos passes de mágica que enaltecem o praticante mas denigrem o coletivo. Por isso, não encorajavam a tendência à proliferação daqueles híbridos intelectuais vulgarmente conhecidos como “étnicos chiques<sup>3</sup>”. Esses ilustres profissionais - embora trouxessem grandes contribuições para a geração e manutenção de polêmicas que muitas vezes vinham a calhar para interromper uma sonolenta rotina acadêmica típica da ciência normal kuhniiana - pouco faziam para ter reconhecida a tradição que originalmente os inspirou<sup>4</sup>.

3 Alguns pensadores, como Ahmad (1992), não escondem seu profundo desconforto com o fenômeno do (ou da) intelectual que migra para a Metrópole e assume a posição de porta-voz de seu país, estrangulando, assim, a voz dos que ficaram para viver a realidade que o (a) migrante deixou para trás.

4 Publicar em inglês pode trazer reconhecimento ao autor, mas quase nunca à antropologia nacional de sua origem. Como um gato preto em campo de neve (na vívida imagem do novelista gaúcho Erico Verissimo), tenho me visto tomar dimensões inesperadas que não são tanto o resultado aleatório de um esforço solitário, individual, quanto parte integrante da minha tradição antropológica nacional que, por sua vez, e como a minha produção, é um amálgama de influências internas e externas, embora com um sabor próprio. Os estudantes da Metrópole que leem textos meus, ou de outros em situação semelhante, e se impressionam com certas descrições e posições não têm como alcançar o mundo invisível que me sustenta e me dá coerência. No entanto, não é por não o verem que ele não existe, a exemplo da fábula dos “povos sem história” que só não a exibem porque os estudiosos ocidentais não têm os meios necessários para alcançá-la. O que passa por ausência de uns é, lamentavelmente, produto da ignorância de outros.

Enfim, Cosmantrópolis seguia seu curso de pequenas transgressões em meio a uma vigiada tranquilidade social e justiça intelectual quando forças maiores começaram a agir. Mais uma vez, a etnografia indígena nos traz inspiração. Um dia, o demiurgo reuniu o povo escolhido e apresentou-lhe o dilema da escolha. Dispôs uma série de objetos à sua frente e convidou-o a escolher o que quisesse. Havia todo o equipamento tradicional já conhecido e também um grande número de novidades ininteligíveis. O povo escolhido selecionou o que quis e rejeitou o resto. Ficaram então com arcos, flechas, canoas, panelas de barro, redes de dormir, e todos os objetos que faziam sentido no seu universo. Um tanto surpreso, o demiurgo avisou que aquilo que fora rejeitado seria oferecido aos forasteiros, os homens brancos que ainda não faziam parte do mundo do povo escolhido. Motores, aviões, rádios, espingardas, roupas e toda sorte de objetos não identificados acabaram nas mãos dos desconhecidos. Passa-se o tempo e, inexoravelmente, as novas gerações são assaltadas por forasteiros como que caídos do céu em suas máquinas voadoras, envoltos em peles artificiais, carregando canos que cospem fogo e, sem pedir licença nem dar satisfações, fazem exigências, apropriam-se da terra e de tudo mais que lhes interessa, assim transformando o povo escolhido em povo, se não vencido, sem dúvida, oprimido. Como se isso não bastasse, juntando insulto a dano, vieram os missionários e impuseram o humilhante império de uma das línguas locais, além, naturalmente, da dos brancos, em detrimento de todas as outras. Em retrospecto, essas novas gerações lamentam que seus ancestrais tenham feito tão má escolha perante o demiurgo, mas uma coisa é certa e fonte de orgulho: o atual poderio dos brancos nada mais é do que o resultado do exercício da agencialidade dos índios. Foi porque *eles* fizeram a escolha errada que os brancos chegaram a ser o que são hoje, ou seja, o produto de um erro fatal. Os índios perderam bens preciosos como vidas, terra e, quase sempre, autonomia, mas conservaram a convicção e o orgulho de quem já teve e, portanto, poderá voltar a ter, o destino nas próprias mãos.

E assim também Cosmantrópolis se viu subitamente colonizada por uma enxurrada de hábeis tecnologias e empreendimentos do saber que desestabilizaram o sistema horizontal de igualdade na diferença e instalaram a verticalidade do poder de produção, distribuição e consumo de bens antropológicos. Impôs-se a todos o humilhante império de uma das línguas em detrimento de todas as outras. Perderam-se as referências nacionais que davam o sabor orgânico e cosmopolita à profissão<sup>5</sup>. T tamanha foi a concentração de riqueza que tornou obsoletos os mecanismos de controle da desigualdade. Reconhecer a legitimidade e utilidade de outros saberes deixou de ter importância estrutural. Cosmantrópolis entrou em colapso, dando lugar à crescente hegemonia da Metrópole,

5 Quem minimamente educado deixaria de perceber o Brasil na literatura de Machado de Assis, ou a Argentina na obra de Borges (ambos universalistas)? Por que isso não acontece na antropologia? Será uma questão de se ser ou não minimamente educado? E por que é permitido não se ser minimamente educado?

enquanto o resto, fragmentado e impotente no que passou a ser chamado de Periferia, entregou-se à autocomiseração, lamentando a injustiça da história.

## MORAL DA HISTÓRIA

Quais seriam então as questões centrais que impedem o florescimento de uma antropologia genuinamente cosmopolita? Vimos algumas: a forte hegemonia linguística, a desigualdade do mercado editorial, a intransitividade de ideias da Periferia para a Metrópole e até um certo cultivo da ignorância estudada por parte desta última sobre o que se produz fora dela, o que muito contribui para a invisibilidade do que não é metropolitano. Vejamos alguns exemplos.

Na década de 1990, antropólogos metropolitanos deram-se conta daquilo que muitas antropologias latino-americanas há muito já sabiam, ou seja, a necessidade de trazer a problemática indígena para o contexto político mais amplo. Alguns (por exemplo, Thomas 1991) promoveram um ato de contrição pela ingenuidade ou culpa de terem criado um Outro culturalmente exótico e politicamente isolado. Não lhes ocorreu olhar para além de seu umbigo profissional, buscar alternativas antropológicas e descobrir se sua sensação de mal-estar vem da antropologia como disciplina universal, ou do seu modo específico de praticá-la. Isso nada mais é do que uma visão etnocêntrica ou míope da antropologia que, afinal de contas, enquanto campo de conhecimento, é muito mais do que a mera soma de seus profissionais, independentemente de onde eles trabalhem. Além disso, abandonar o apelo da diversidade, com o argumento de que cultivá-la é contribuir para a dominação dos fracos, é perder o sentido político da diferença, quando é exatamente esse sentido que pode atuar como antídoto contra a certeza que tem a Metrópole do seu próprio poder e da suposta impotência do Outro. Pois é essa mesma diversidade que é capaz de desestabilizar a imperturbável autossatisfação da Metrópole e deveria ser ela o estímulo para os metropolitanos se dedicarem a fazer a etnografia de sua própria casa. Mas, ao exercitarem o que chamam de repatriação da antropologia, eles esbarram na falta daquele *savoir* político que marca os pesquisadores latino-americanos para quem a antropologia em casa é praticamente tão antiga quanto a sua própria profissão. Ao descobrirem que a antropologia não vive apenas do estudo dos “primitivos”, os metropolitanos propõem dar-lhes as costas para se dedicarem ao estudo do próprio Centro e da gigantesca teia de poder que enreda os povos periféricos. Isso parece provocar uma reação quase matricida com relação à disciplina. Acusada, por exemplo, de transformar o conceito de cultura num instrumento de dominação (Abu-Lughod 1991), a antropologia passa a ser também responsável por reforçar o desequilíbrio de poder mundial que esses pesquisadores parecem ter acabado de descobrir. Depois de

passar décadas pesquisando fora de casa, dão-se conta de que o poder, mais do que nada, clama pela atenção dos antropólogos. É o que poderíamos chamar de nostalgia do Centro.

Assim, continuar a estudar “primitivos” assume um caráter politicamente incorreto se isso não for feito no contexto de opressão e injustiça histórica. Ou seja, o trabalho antropológico aos olhos desses adventistas só é legítimo se investigar os caminhos da dominação ocidental sobre povos marginalizados. Em si mesmos esses povos não seriam mais capazes de gerar outro interesse que não o do exotismo. É como se dependessem dos antropólogos para tornar as suas “agonias de opressão” (Herzfeld 1997: 23) politicamente visíveis e relevantes.

Se tais antropólogos se dispusessem a sair por um instante da MetrÓpole e examinassem as feições que a antropologia assume na Periferia, veriam que o problema de contextualizar o local numa perspectiva política mais abrangente é o pão com manteiga das antropologias mexicana, argentina, colombiana ou brasileira, para nos limitarmos ao circuito latino-americo. Se há aí um cânone facilmente reconhecível, ele é baseado em relações interétnicas e não no estudo monográfico unitário. Portanto, para quem cresceu profissionalmente com a noção de que fazer antropologia é um ato político (Ramos 1999/2000) que, por definição, privilegia a contextualização das transações sociais intra e interpovos, essas questões que ultimamente vêm perturbando nossos colegas metropolitanos soam um pouco como descobrir a pólvora. Supor que a supressão do cânone etnográfico por si só eliminaria os efeitos perniciosos do exotismo é deslocar o eixo do problema, pois o trabalho antropológico nunca acontece no vácuo, seja no campo, seja no escritório, e nem o antropólogo tem pleno controle do seu produto, que passa a integrar o vasto mercado de trocas simbólicas com suas regras e consequências próprias. Dependendo do contexto sociopolítico, o público leitor, elemento fundamental da produção antropológica, pode, em última instância, neutralizar uma ideia potencialmente fecunda. Esperemos algum dia poder perfurar a couraça da MetrÓpole e inseminá-la com o vírus da autodúvida. É verdade que toda sociedade tem seus mecanismos de defesa contra potenciais ataques aos seus limites, mas é raro encontrar uma manifestação tão forte quanto a extraordinária capacidade que tem a MetrÓpole de fagocitar o estranho, o diferente, transformando tudo numa polpa de fácil digestão mental.

Se, por um lado, é evidente o apetite voraz que têm os centros de disseminação por bens culturais, também é certo que, subjacente à história processual, há sempre um movimento dialético que se desenrola em silêncio, quase sempre imperceptivelmente, mas que tem o poder de transformar o curso dos acontecimentos. É bem possível que a atual onda de globalização já tenha em seu bojo o esboço de seus próprios limites, trazendo para o horizonte uma nova era. Mesmo levando em conta o limitado poder que tem o discurso antropológico para mudar corações e mentes neste vasto mundo, nem tudo está perdido na nebulosidade da globalização. Afinal, os atuais meios instantâneos de comunicação criam condições de possibilidade para a cooperação entre membros da

Metrópole e da Periferia que, por sua vez, não chegam a ser blocos monolíticos totalmente refratários à dissidência. Nos espaços liminares de transgressão criados pelo fluxo de ideias que, embora tímido, já existe, reside o potencial de se reconfigurar os cânones impostos pela Metrópole e de se revisitar a utopia da Cosmantrópolis<sup>6</sup>.

Fechando o círculo, voltemos a ela. É que aponta no horizonte uma figura que, embora ainda amorfa, traz o potencial de transformar o panorama político da antropologia mundial. Chama-se WAN (World Anthropologies Network), identificado como “um movimento coletivo [que tem a finalidade] de pluralizar as visões prevaescentes da antropologia num contexto em que persiste a hegemonia dos discursos anglo-saxões sobre a diferença” (Ribeiro 2005). Uma iniciativa de profissionais de vários países, a maioria na periferia antropológica, WAN tem por objetivos lançar um olhar crítico sobre a disseminação internacional da antropologia, alargar a sua paisagem plural e engajar antropólogos de várias regiões em conversações produtivas que conduzam a uma antropologia crítica de si mesma e à construção de um cânone antropológico policêntrico (Ribeiro 2005) ou, melhor ainda, de cânones diversos, mas acadêmica e politicamente equivalentes. Há, pois, que cuidar com muito carinho dessa delicada planta em nascedouro para que possa dar os frutos que promete.

Isso nos mostra que o cosmopolitismo não reside, afinal, na Metrópole que, com honrosas exceções, tende a se satisfazer com o tedioso exercício de autorreferência. A cosmopolítica antropológica está lá onde se lê em várias línguas, onde se acolhe ideias de fora sem gerar fidelidades acríicas e estéreis. Lá onde se reconhece que a agencialidade de incautos ancestrais pode gerar a força e o impulso necessários para superar o *status quo*. Lá onde, como disse o politicamente incorreto, mas perspicaz, Sarmiento, “las cosas hay que hacerlas. Bien o mal, hay que hacerlas”!

<sup>6</sup> Sou grata a Florencia Mallon por seus perspicazes e otimistas comentários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, L. 1991. "Writing against culture". In: R. G. Fox (org.). *Recapturing Anthropology: Working in the present*. Santa Fé: School of American Research Press, pp. 137-162.
- AHMAD, A. 1992. *In Theory: Classes, nations, literature*. Londres: Verso.
- HERZFELD, M. 1997. *Cultural Intimacy: Social poetics in the nation-state*. Londres: Routledge.
- RAMOS, A. R. 1999/2000. "The anthropologist as political actor". *Journal of Latin American Anthropology*, 4 (2) / 5 (1): 172-189.
- RIBEIRO, G. L. 2005. "World Anthropologies: Cosmopolitics, power and theory in anthropology". Texto inédito.
- THOMAS, N. 1991. "Against ethnography". *Cultural Anthropology* 6 (3): 306-322.



# A MIDWINTER AFTERNOON'S DREAM: THE UTOPIA OF A COSMOPOLITAN ANTHROPOLOGY

## ABSTRACT

Through an exercise of imagination inspired in indigenous wisdom, this paper evokes an anthropological utopia in which the diverse traditions of the field would not suffer linguistic limitations and inequality in production and consumption, would enjoy a truly horizontal intercommunicability, and would be committed to transform anthropologists into political actors. This utopia contrasts with the current situation in which metropolitan anthropologies have reached such a degree of hegemony as to divide the discipline into two clearly opposed camps: Center and Periphery. However, a still nebulous figure appears on the horizon. It brings along the remote possibility of doing what is virtually impossible, that is, give material life to that utopia that so far has been purely imagined. This figure is the World Anthropologies Network (WAN), itself the product of a dream about a democratic and egalitarian anthropology.

## KEYWORDS

World anthropologies, utopia, metropolitan anthropologies, center and periphery.

## SOBRE A AUTORA

ALCIDA RITA RAMOS

Professora emérita da Universidade de Brasília e Pesquisadora 1A do CNPq.

Contato: [alcidaritamos@gmail.com](mailto:alcidaritamos@gmail.com)